

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**MUNDOS DO TRABALHO NO AMAZONAS: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO
UNIVERSO DO TRABALHO NO SÉCULO XX.**

TEFÉ, AM
2017

BRUNA JARLENE PAIVA MACEDO

**MUNDOS DO TRABALHO NO AMAZONAS: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO
UNIVERSO DO TRABALHO NO SÉCULO XX.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST-UEA, como requisito para a obtenção do título de graduado em História.

Orientador: Prof. Msc. Luciano E. C. Teles

TEFÉ, AM
2017

FICHA CATALOGRÁFICA

MACEDO, Bruna Jarlene Paiva. **MUNDOS DO TRABALHO NO AMAZONAS: PARTICIPAÇÃO FEMININA NO UNIVERSO DO TRABALHO NO SÉCULO XX.** Trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em História.

Universidade do Estado do Amazonas – (UEA) Centro de Estudos Superiores de Tefé – (CEST)

Orientador: Prof.º.Msc. Luciano Everton C. Telles

P. 48

Palavras Chaves: mulheres, mundos do trabalho, greves, Zona Franca de Manaus.

TERMO DE APROVAÇÃO

BRUNA JARLENE PAIVA MACEDO

MUNDOS DO TRABALHO NO AMAZONAS: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO UNIVERSO DO TRABALHO NO SÉCULO XX.

Esta Monografia foi julgada para obtenção do título de licenciado em História, e aprovada em sua forma final pelo curso de História.

Monografia aprovada em 14 /12/2017

Banca Examinadora

Prof. Msc. Luciano Everton – Orientador
(CEST/UEA)

Prof. Msc. Tenner Inauhiny de Abreu
(CEST/UEA)

Prof. Msc. Jubrael Mesquita
(CEST/UEA)

Tefé, 14 de Dezembro de 2017.

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a todas as mulheres,
a minha mãe Marlene Paiva Macedo, meu
pai Francisco Jaime Veloso Macedo,
minha filha Sâmila Regina Macedo
Bacelar, aos amigos (as) e companheiros
(as) de todas as horas.*

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus, que me concede o ânimo e força de vontade necessária para prosseguir a cada dia e que me dar o simples dom da vida para que através deste possamos desfrutar das oportunidades e das dificuldades constantes para obtermos experiências fantásticas, que nos proporcionarão um conhecimento e um amadurecimento que levaremos como lição para nossas vidas.

A minha família que me fornece o apoio necessário para o prosseguimento de minha jornada acadêmica, a meus pais, meus irmãos, pelo incentivo em momentos de dificuldades.

Ao meu orientador, professor Prof. Msc. Luciano E. C. Teles, que contribui e contribuiu diretamente no processo de amadurecimento como pessoa e como futuro profissional da educação, como historiadora e pesquisadora, nos proporcionando análise e debates através das disciplinas ministradas e da própria orientação para a realização da pesquisa que contribui para nossa própria melhoria.

Aos companheiros de sala de aula e amigos que não esquecerei jamais, Ézio, Miciel, Miquéias, Fabiola, Fransoar, Raimundo, Magiles, Silas, Keivison, a minha amiga Anna e Marcelle, ao Erivan, pois todos foram importantes nas trocas de ideias e informações para desenvolvimento com êxito da prática de pesquisa, me ajudando e me dando forças para prosseguir, tirando dúvidas e reforçando laços de amizade que levarei para vida toda.

Agradeço aos meus professores Alcemir, Tenner, Tiago, Macário, Cristiane, Yomarley, Monica, Daiane, que também lembrarei com muitas estimas, não pelo fato de terem sido fundamentais no processo de minha formação, mas como pessoas extraordinárias que me inspiraram a prosseguir.

A todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho, seja me ajudando com livros, fontes, ou somente com apoio moral e dedicando um tempo para ouvir desabaços em meio a tantos conflitos e formação de identidade. A todos meus sinceros e eternos agradecimentos.

LISTA DE SIGLAS

CEST – Centro de Estudos Superiores de Tefé

PIM – Pólo Industrial de Manaus

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

ZFM – Zona Franca de Manaus

RESUMO

A presente pesquisa com o título *Mundos do Trabalho no Amazonas: A Participação Feminina no Universo do Trabalho no Século XX* tem como objetivo apresentar a trajetória das mulheres no mundo do trabalho no Amazonas, e sua participação nas greves da década de 1980 na região, destacando suas principais lutas, obstáculos enfrentados, sua inserção nas fábricas do Pólo Industrial de Manaus, sua adaptação a sua jornada de trabalho, seu reconhecimento como mulher dona de suas decisões, protagonizando dentro das fábricas, intervindo juntamente com os demais companheiros em busca de melhores condições de vida em uma região recém-adaptada para a modernidade, a qual o país requisitava para demais localidades distantes. Para sua realização foi utilizada várias fontes bibliográficas de vários autores que deram contribuições importantes para sua formulação. A mesma esta dividida em dois capítulos. O primeiro se denomina “Patrão, Trabalhador e a Presença feminina no Mundo do Trabalho”, onde são discutidas em seus tópicos assuntos relevantes como o patronato e o operariado no Brasil, abordando, desta forma, também a relação do patrão, trabalhador no Amazonas e trazendo para um lado mais específico a inserção da mulher no mundo do trabalho, abordando as primeiras questões. No segundo capítulo “Mulheres, Mundo do Trabalho e o Movimento Operário na Década de 1980”, trás discussões que envolvem a Zona Franca de Manaus no Amazonas, assim como apresenta as greves da década de 1980 na região e destaca também as mulheres operárias e seus movimentos construindo e fomentando a luta operária.

Palavras-chave: mulheres, mundos do trabalho, greves, Zona Franca de Manaus.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I.....	14
1. PATRÃO, TRABALHADOR E A PRESENÇA FEMININA NO MUNDO DO TRABALHO.....	14
1.1. PATRONATO E O OPERARIADO NO BRASIL.....	16
1.2. PATRÃO E TRABALHADOR NO AMAZONAS.....	19
1.3. A MULHER NO MUNDO DO TRABALHO: PRIMEIRAS QUESTÕES.	22
CAPITULO II.....	28
2. MULHERES, MUNDO DO TRABALHO E MOVIMENTO OPERÁRIO NA DÉCADA DE 1980.....	28
2.1. A ZONA FRANCA DE MANAUS E O MERCADO DE TRABALHO NO AMAZONAS.....	31
2.2. AS GREVES DA DÉCADA DE 1980 NA REGIÃO.....	35
2.3. AS MULHERES OPERÁRIAS E SEUS MOVIMENTOS: CONSTRUINDO ESPAÇOS E FOMENTANDO A LUTA OPERÁRIA.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a trajetória das mulheres no mundo do trabalho no Amazonas, destacando suas principais lutas, obstáculos enfrentados, sua inserção nas fábricas do Pólo Industrial de Manaus, sua adaptação a sua jornada de trabalho, seu reconhecimento como mulher dona de suas decisões em busca de melhores condições de vida em uma região recém-adaptada para a modernidade a qual o país requisitava para demais localidades distantes.

A escolha do tema se assentou sobre o interesse em buscar mais conhecimento sobre o assunto uma vez que pouco se ouve falar e até mesmo se lê sobre o mesmo, nas aulas sempre ouvia comentários ou citações a respeito, mas nada a fundo que pudesse esclarecer curiosidades que tirassem dúvidas da participação feminina no mundo do trabalho no Estado do Amazonas.

Levando em consideração as conquistas desse gênero, não se pode deixar de ser notado no decorrer de décadas, os avanços sociais que as mulheres vêm tendo em suas lutas pelos seus direitos, melhores condições de trabalho, de vida, sendo uma minoria que na verdade é maioria e que atua em vários se não em todos os setores do mundo do trabalho no país.

A participação feminina nas greves e no mundo do trabalho não se dá apenas em um período específico, mas sim em diversos, como podemos notar no decorrer da pesquisa que a atuação das mulheres no mercado de trabalho se dá antes mesmo nas décadas de 1920 em nosso país, e a partir daí temos avanços e retrocessos, mas nunca uma desistência da parte das mesmas no que diz respeito as suas causas.

O recorte espacial e cronológico se deu em função de maior participação feminina no universo do trabalho no século XX, sendo que nesse período, principalmente na década de 1980 ocorrem mais participações das mesmas nas greves na região. E nesse contexto surgem também maiores interesses e preconceitos, em como aceitar ou compreender melhor essa nova fase da vida feminina, sendo ela dona do lar, mãe e trabalhadora, de certa forma provedora

desse lar que se torna um paradigma a ser quebrado pelas mulheres diante da sociedade vigente.

Há um interesse muito grande em compreender como se dá essa participação nessas greves, por quais motivos elas vão às ruas para protestar por melhorias diversas para si, como jornada de trabalho, licença maternidade abusos dos patrões, entre outros, de que maneira ela consegue realizar essa dupla jornada, cuidando de trabalho, filhos marido e do lar, são esses interesses em compreender esse processo que se faz necessário analisar a história da participação feminina no mundo do trabalho no Amazonas ao longo do século XX.

O conhecimento da própria história não pode ser negado para a sociedade e a Universidade enquanto produtora de conhecimentos tem que se ocupar deste papel fundamental, até porque o conhecimento é instrumento de mudança de comportamento, o que pode promover a construção de um mundo melhor. As questões ligadas à participação feminina no mundo do trabalho no século XX podem revelar uma série de situações, como desconstrução de estereótipos, preconceitos e exclusões, e atuar como um instrumento de promoção de identidades e conquista de espaços para grupos que ainda não se encontraram socialmente e que por isto se sentem “marginalizados” e “excluídos” da sociedade (CHAUÍ, 1992).

No que tange falar sobre a viabilidade da pesquisa tanto no meio acadêmico quanto social pode-se dizer que a pesquisa se viabiliza na análise bibliográfica, na medida em que existem obras que trabalham esse tema em diversos aspectos, sendo no contexto mundial, regional e até mesmo específico em certos casos. Dessa forma, vale destacar que a finalidade da pesquisa é buscar contribuir em base de conhecimento para que futuros trabalhos possam ser construídos.

É notável que pelas pesquisas realizadas sobre a participação feminina no mundo do trabalho, foram filtradas uma série de questões significativas que acabam por revelar aspectos da realidade do papel da mulher como sujeito social ativo, como uma nova personagem para este universo, que muitas vezes acabam por serem esquecidas no Estado do Amazonas e na Amazônia de forma geral. E segundo Hobsbawm (1998 p. 13), o ofício do historiador é lembrar à sociedade aquilo que ela esqueceu. Esta pesquisa se propõe a isto.

Quanto aos objetivos, procurou-se focar na compreensão da participação feminina no mundo do trabalho na Amazonas, em buscar ganhar sua autonomia, sua emancipação, o reconhecimento e direitos dando sua contribuição como protagonistas nesse universo. Assim como também identificar a divisão do trabalho no Amazonas no período do século XX e caracterizar as condições de trabalho a qual as mulheres e demais operários eram submetidos.

De forma geral este trabalho se dividiu em dois capítulos. No primeiro capítulo buscou discutir questões pertinentes para a compreensão do trabalho como um todo e, desta forma, partimos do seguinte título e tópicos para melhor análise e compreensão do mesmo. “Patrão, Trabalhador e a Presença Feminina no Mundo do Trabalho”, onde buscou discutir sobre a História vista de baixo, destacando a história das minorias, incluindo a mulher na sociedade. Seguindo parte-se para uma breve discussão sobre o “Patronato e o Operariado no Brasil”, onde se buscou analisar a origem do patronato no Brasil, quem eram os patrões e de onde vinha o capital empreendido nas fábricas que movimentavam a economia brasileira.

Desta forma, segue-se para a particularidade ao discutir sobre a relação entre “Patrão e Trabalhador no Amazonas”, aqui se buscou analisar a forma como os trabalhadores eram tratados, suas condições de trabalho e se havia algum tipo de relação entre ambos. E, desta forma, conclui-se tocando no ponto ao qual a pesquisa se desemboca que é na questão da inserção da “Mulher no Mundo do Trabalho: Primeiras Questões”.

Neste ponto se procurou discutir o papel da mulher na sociedade no período, a dupla, tripla jornada da mulher como mãe, trabalhadora, esposa, vítimas de preconceito por parte de uma sociedade burguesa que acreditava que tinha o direito de impor regras para as mulheres seguirem por serem consideradas como um “sexo frágil”, incapaz de se defender e de tomar qualquer tipo de decisão e, desta forma, que se dá abertura para adentrar em discussões mais específicas que serão desenvolvidas no capítulo seguinte como é possível constatar.

No segundo capítulo, buscou-se analisar a partir do título e tópicos seguintes: “Mulheres, Mundo do Trabalho e Movimento Operário na Década de 1980”, onde buscou descrever e discutir a trajetória da mulher neste espaço, suas

dificuldades, os obstáculos enfrentados dentro das fábricas no Pólo Industrial de Manaus, procurou destacar os demais setores profissionais nos quais a mulher conseguiu se inserir.

Dentro do título procurou buscar outras discussões nos tópicos como “A Zona Franca de Manaus e o Mercado de Trabalho no Amazonas”, nesse tópico buscou-se descrever as inúmeras dificuldades e preconceito que a mulher sofreu ao adentrar no mundo do trabalho no Pólo Industrial de Manaus, sendo que suas atividades profissionalizantes já vinham se destacando desde a comercialização da borracha na região, assim como se destacou, quais foram às fábricas que contratavam a mão de obra das mesmas.

Seguindo, procurou-se pontuar sobre “As Greves da Década de 1980 na Região”, onde se buscou descrever algumas greves que tiveram mais êxito e repercussão na região, no caso destacou-se a greve dos metalúrgicos de 1985 em Manaus e que teve grande participação feminina na mesma.

Concluindo buscou-se analisar um ponto fundamental para a compreensão da pesquisa que é falar sobre “As Mulheres Operárias e Seus Movimentos: Construindo Espaços e Fomentando a Luta Operária”, onde buscou destacar realmente o protagonismo feminino na luta operária, pelos seus direitos, sendo as mulheres alvo de preconceito até a atualidade e vítima de estereótipos, que perpetuam gerações, porém, em meio a tantos impasses, a mulher não se deixou intimidar e foi em frente a ponto de conseguir inúmeras conquistas que não se podem deixar esquecidas na história.

CAPÍTULO I

1. PATRÃO, TRABALHADOR E A PRESENÇA FEMININA NO MUNDO DO TRABALHO.

Por um considerável período de tempo, a história era legitimamente escrita a partir de grandes personagens como reis, militares, guerreiros de grandes batalhas, entre outros, sendo todos pertencentes à elite brasileira, buscando o enaltecimento dos feitos heroicos dos mesmos para que seus status fossem reconhecidos por todos da sociedade.

Ao analisar a escrita da história, foi possível identificar o que foi citado acima, que a mesma não era de todos ou para todos, mas de uma pequena parcela de pessoas que se resumia na elite de determinado lugar. Acabamos que constatando que a História de muitas pessoas acabava sendo esquecida, não escutada e não relatada por não pertencer a essa classe social, por não se enquadrar nos parâmetros para pertencer à mesma. Parâmetros esses que são pertencer à elite, ter algum destaque social, ou seja, ter status, ser culto, ter formação em alguma área, ter algum envolvimento com a política, entre outros.

Ao analisar os escritos de alguns autores foi possível identificar que no decorrer dos tempos, vários deles mudam a perspectiva da escrita da História, onde passam a resgatar história de personagens comuns como os operários, as mulheres, os tecelões, os camponeses que não faziam parte da elite brasileira, mas que eram pessoas comuns que tinham suas vidas simples e que trabalhavam para sobreviver, em um período marcado por status social, status esse que nenhum deles possuía por serem simples trabalhadores. O resgate da história desses personagens ficou conhecida como “história vista de baixo”, onde buscava mudar a perspectiva da escrita da mesma não apenas a partir de grandes personagens, mas a partir também de trabalhadores e cidadãos comuns que compõe a sociedade. Como podemos perceber nos escritos de THOMPSON:

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas

conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a serem, condenados em vida, vítimas acidentais (1987, p. 13).

A proposta de Thompson era produzir estudos sobre processos históricos focados naqueles que faziam parte da massa das pessoas comuns como as mulheres, camponeses, artesãos e operários, que foram esquecidos, ignorados e silenciados nesse processo, por parte de uma historiografia elitista. Mas que através de suas experiências podiam contribuir para a produção de estudos históricos voltados para esses personagens, pois suas vivências e lutas eram consideradas importantes pela historiografia. Thompson acreditava que a História deveria ser contada, não somente levando em consideração os grandes fatos da História oficial e de seus heróis, mas, sobretudo, pela observação dos fatos ocorridos com pessoas que fazem parte da massa esquecida. Outro autor que aborda essa perspectiva é Christopher Hill que em seus escritos nos diz o seguinte:

Podemos descobrir que homens e mulheres obscuros que aparecem neste livro, junto com alguns menos obscuros, falam mais diretamente a nós que Carlos I ou Pym ou o general Monk, que nos manuais figuram como os autores da História (1987, p. 35).

Tendo em vista a perspectiva apresentada por estes e outros autores, é que se busca basear o foco da pesquisa, que se propõem em compreender e recuperar a história vista de baixo, em especial a mulher trabalhadora. Nesse sentido, lança-se uma tentativa em analisar a participação feminina no mundo do trabalho, tentando resgatar um pouco da História do operariado da relação entre patrão e trabalhador, assim como a emancipação da mulher dentro do mercado de trabalho até chegar a seu protagonismo nas greves e movimentos operários no decorrer do século XX, principalmente na década de 1980. Desta forma, demonstrando que a mulher sempre esteve em ação desde muito antes do que muitos acreditam.

1.1. PATRONATO E O OPERARIADO NO BRASIL.

Com base nas obras que mencionaremos a seguir, podemos dizer que a história do patronato brasileiro se dá em meio ao processo de ocupação e de desenvolvimento em nosso país.

Como se pode notar, o século XVI, XVII era dominado pelo mercantilismo que era uma política econômica do Estado absolutista, que se definia em diretrizes políticas, regras, que esses Estados impuseram na sociedade para controlar a economia, isso se dava principalmente nos países Europeus, onde saiam de seus países em busca de riquezas e tudo quando fosse mercadoria vendável. Essas mercadorias eram variadas e ia da canela ao escravo capturado nos mais diversos lugares da África o que gerava riqueza com excedentes, onde acumulavam o suficiente para estocar e produzir o necessário para continuar suas práticas de explorar o comércio em geral. Assim deixando claro que as relações sociais foram constituídas na base da dominação e apropriação do trabalho excedente, impondo uma nova forma de se organizarem e de produzirem voltando sua atenção ao mercado mundial. Como Foot Hardman e Victor Leonardi destacam em sua obra “História da Indústria e do Trabalho no Brasil”:

{...} A primeira fase desta integração remonta aos séculos XVI, XVII, ou seja, à época do capital mercantil, e teve por quadro político a conquista colonial. Tanto o sistema de dominação política como as formas de exploração do trabalho e de apropriação do trabalho excedente estabelecidas pelos espanhóis, em determinadas regiões, apoiaram-se em relações sociais anteriores à conquista. A conquista conservou, muitas vezes, as antigas formas sociais (mita e comunidade camponesa, por exemplo), subvertendo-as, isto é, fazendo delas a base de uma nova organização da produção voltada para o mercado mundial (1982, p. 75).

Com base nesta obra também podemos notar que no plano político, com a independência, transfere-se o poder político que era exercido pelos funcionários da Coroa para as oligarquias rurais e comerciantes locais, visando sempre à implantação de capital estrangeiro, com isso também implantando organização de produção pré-capitalista, principalmente no que diz respeito às questões latifundiárias. O que podemos notar também em seus escritos é que grande parcela dos habitantes tiveram participação mínimas nesse processo, pois foram

colocados à margem desse desenvolvimento que se implantava com certa pressa em nosso país, parcela esta que somava quase a totalidade de habitantes:

Esta penetração do capital estrangeiro nos países sul-americanos trouxe como consequência a combinação de formas sociais mais desenvolvidas com numerosas formas pré-capitalistas de organização de produção, tanto no quadro do latifúndio tradicional como nos setores camponeses quase à margem do processo de desenvolvimento das relações capitalistas. A existência de formas pré-capitalistas no campo não significava que essas economias latino-americanas fossem feudais, pois uma centralização do trabalho excedente em todas as suas formas se operava permanentemente em proveito do capital financeiro (HARDMAN e LEONARDI, 1982, p. 76).

Porém, não podemos compreender a formação do patronato no Brasil apenas focando o lado da implantação do capital estrangeiro no mesmo, faz-se conveniente compreender as demais relações que foram decisivas para a formação desta classe em nosso país, onde esses estiveram totalmente ligados à burguesia local que dará abertura para o mesmo se constituir como classe dominante, seguindo o processo de crescimento industrial desde o século anterior, só buscando entender os demais fatores que conseguiremos distinguir a formação e o papel deste grupo no Brasil, buscando entender as relações sociais entre dominados e dominantes, o processo de industrialização e o sistema de exploração.

Nessa perspectiva, é através das relações entre uma parte dominante e outra dominada que se busca compreender as características dessa classe no Brasil, que uma hora era totalmente voltada ao latifúndio à questão da terra e do trabalho e outrora se percebe o surgimento de outro patronato, que emerge nas cidades em proveito do processo de industrialização que tem urgência em se firmar como principal meio de continuação da implantação de capital estrangeiro, por meio das corporações instaladas no Brasil.

Irineu Evangelista de Souza, por exemplo, barão de Mauá, começou suas atividades de empresário enquanto sócio da importadora Richard Carruther, no Rio de Janeiro. Grande entusiasta das estradas de ferro, sua firma era acionista da Recife and São Francisco Railway Company, da qual ele era agente do Brasil, possuindo ainda interesses menores na Bahia and São Francisco Railway e nas Minas and Rio Railway (HARDMAN e LEONARDI, 1982, p.79).

Os autores ainda reforçam que essas fábricas eram financiadas com capital estrangeiro e algumas de suas características estruturais estavam de acordo com o país de origem como podemos analisar.

[...] britânica manchesteriana (via de regra, para fábricas surgidas já no início deste século): neste padrão aparecia a fachada típica de tijolinhos vermelhos, estrutura sóbria pesada, simetria de planos; o sistema moderno de fábricas estava implantado, revelando já, inclusive, sua subordinação ao capital internacional (exemplos: Societé per l'Exportazione e per l'Industria Italo-Americana, Salto, SP, a partir da ampliação e transferência da razão social para esta firma, 1904; Fábrica São Bento, após associação com capitais financeiros internacionais, 1908; Indústria reunidas Francisco Matarazzo na Água Branca, em São Paulo; etc.). Uma variação dentro deste segundo modelo era o estilo alemão (construções altas e compactas, dois andares e janelas pequenas, paredes brancas ou amarelas), como foi o caso da cervejaria Antartica, na Mooca, em São Paulo, ligada a capitais germânicos; ou, por exemplo, da fábrica de tecido Carioba, em Americana (SP), fundada em 1901 como filial do grupo Rawlinson, müller & C., com sede em Berlim (HARDMAN e LEONARDI, 1982, p. 134).

Os autores Foot Hardman e Victor Leonardi (1982, p. 97), constroem pontuações pertinentes que servem como conclusão para se entender melhor questões e como se formou o patronato no Brasil e os mesmos destacam que sempre houve trabalhadores pobres na sociedade brasileira. Mas os proletários só surgiram quando apareceram as primeiras fábricas, no início do século XIX. [...] A história do proletariado brasileiro é outra, dadas características de uma sociedade escravista, onde o peso da imigração de força de trabalho estrangeira foi preponderante. Apesar da contribuição que tiveram ex-artesãos e operários de ofício semi-artesanal na formação do proletariado fabril, em nosso país, não podemos superestimá-la. Nem tampouco supor uma evolução de formas de trabalho análoga à da Europa, mesmo porque, conforme foi visto na primeira parte deste ensaio, a origem do sistema tipicamente fabril, em nossa economia, não correspondeu à transição de formas anteriores de produção, como o artesanato e a manufatura.

No Brasil, a grande indústria surgia no seio de uma sociedade agrária e escravista, o que tornou específico o processo de transição para o trabalho livre e assalariado. E desta forma podemos supor como se construiu a relação entre patrão e trabalhador em um mundo regido pelo capital e pela disputa por

crescimento econômico no Brasil e em suas regiões inclusive nas mais distantes como no Amazonas.

1.2. PATRÃO E TRABALHADOR NO AMAZONAS.

No espaço urbano, a disputa por trabalho e por mão de obra barata cresce de acordo com o desenvolvimento das cidades, principalmente nos portos, onde a concentração e circulação de pessoas e de mercadoria eram constantes. Voltando para o lado das fábricas, podemos notar que a relação entre patrão e trabalhador era tensa e exploratória. O processo de trabalho em nosso país foi gerado em base exploratória desde sua fundação, começa com os índios, depois os escravos, e até os imigrantes passaram por esse processo em prol do “desenvolvimento da modernidade”, sendo que poucos tinham acesso a essa modernidade e desenvolvimento, no sentido de que um trabalhador de uma fábrica não teria condições de acessar a esses locais ditos modernos, pois o que ganhavam em jornadas excessivas de trabalho dava mal para suas necessidades mais urgentes.

Como podemos perceber a ampliação do mercado de trabalho no Amazonas se desenvolve, com o auge da comercialização da borracha na região, contudo, depois desse período com a decadência da mesma, a mulher passou a se inserir em diferentes postos de trabalho na Amazônia, passando a concorrer vagas com homens e se especializarem em áreas nunca atuadas antes, como podemos constatar nos escritos de Benta Litaiff Praia onde pontua o seguinte:

O surto de modernidade proporcionado pelo apogeu da borracha dinamizou o mundo do trabalho em Manaus. Na aquarela de rostos predominava de forma majoritária, a presença masculina. Nesse momento de efervescência econômica, as mulheres começaram a ganhar visibilidade no espaço público (2014, p.71).

E, desta forma, a autora ainda destaca que as mulheres foram fundamentais ao atuarem no mundo do trabalho no Amazonas, se destacando como mão de obra dentro das fábricas instaladas na região como podemos notar na citação abaixo:

Somente no final do século XIX, o trabalho feminino avançou em direção ao magistério infantil, e posteriormente para as funções de secretárias e datilógrafas. A partir desse momento, a presença feminina no mundo do trabalho também é evidenciada segundo as fontes, nas áreas relacionadas à saúde desempenhando o papel de enfermeiras, nos ateliês e nas tabacarias. Nas atividades fabris, as mulheres labutavam na fábrica de Roupas Amazonense, na Fábrica Brasil-Hevea e nas Fábricas de beneficiamento de castanhas. Em todos os casos, embora realizasse a mesma jornada de trabalho dos homens, seus ganhos eram inferiores aos deles. A maioria dessas mulheres era pobre e não podia recusar o ganho mínimo, proveniente das atividades exercidas, a sobrevivência estava acima dos preconceitos sociais vigente na época (PRAIA, 2014, p. 71).

No decorrer do século XX, a procura e a demanda de emprego aumentaram em Manaus, com o aumento do comércio extrativo da borracha, assim como a imigração de um grande número de pessoas que saíam de seus Estados e até países e vinham para o Amazonas com o sonho de mudar de vida. Muitos atraídos por propagandas enganosas que prometiam muitas das vezes vários benefícios, mas na realidade quando chegavam ao destino era totalmente ao contrário e acabavam que ficando a míngua, esperando pela sorte de conseguir um trabalho, colocando suas famílias na miséria.

Segundo Teles (2015, p. 106) o que pontua trabalho e trabalhador eram definidos pelo jornal como instrumentos necessários para o desenvolvimento material de um povo. O discurso de que o trabalhador era parte fundamental para o desenvolvimento do Estado era divulgado aos quatro cantos, porém as condições sob as quais eram submetidos para desenvolver esse trabalho eram desumanas, insalubres, exploratórias, muitas vezes fétidas, escuras, quente, onde os próprios trabalhadores associavam a esses locais ao inferno.

Ainda há uma relação a que devemos deixar claro que é a do patrão e do trabalhador dentro deste contexto de “desenvolvimento”. O que não podemos deixar de entender é que havia um jogo de interesses diferentes por parte tanto do patrão quanto do trabalhador.

Como podemos notar na figura do empregador. Está totalmente voltado para a questão do desenvolvimento e do lucro a qualquer preço, onde para ele a produção era o fator principal e não importava para eles quantas horas o trabalhador irá ficar reservado naquele local executando a mesma função, sem se alimentar, com dor, com vontade de suas necessidades fisiológicas, não se

importando se são crianças, mulheres ou homens, somente o que importa é o seu crescimento econômico e aumento de seu status perante a sociedade burguesa.

Enquanto a figura do trabalhador, podemos notar que o mesmo no decorrer de sua luta adquiriu meios para combater a constante exploração pela qual está sendo submetido, e esses artifícios que possuem são extremantes eficazes, como as greves, as sabotagens das máquinas, a paralisação, todos esses fenômenos fazem a figura dos patrões temerem a união dos trabalhadores para combater a exploração e engajar a luta por melhores condições de vida e de trabalho. Neste sentido, a relação patrão/trabalhador era constituída assim:

E em toda estória há um mocinho e um vilão, para os patrões, cabe aos trabalhadores o papel desse último. Em Manaus, o patronato atuou como forte agente disciplinador da classe trabalhadora, atribuindo-lhe toda carga de estereótipos depreciativos e exigências normativas no seu ambiente de trabalho (AVELINO, 2008, p.70).

E seguindo o pensamento do autor, que ainda pontua que era atribuído aos trabalhadores em Manaus um montante de pejorativos que marcava os operários pela classe patronal:

O discurso eugênico, elaborado pelo patronato na época, constituiu-se numa fala carregada de preconceitos e visões distorcidas da realidade dos trabalhadores de Manaus, e visava substituí-lo por um tipo melhor e mais eficiente de operário estrangeiro que fosse capaz de se adequar as exigências patronais sem se opor de forma mais vigorosa a eles (AVELINO, 2008, p. 70).

Como podemos constatar, a relação entre o trabalhador e patrão no Amazonas era muito tensa e pouco amistosa. O patronato se mostrava em constante insatisfação com os trabalhadores locais, os classificavam como indolentes, ignorantes, preguiçosos, impróprios para o trabalho. Segundo Avelino (2008, p.70), o que os patrões queriam era uma importação de homens que servissem como peças de reposição de uma massa de trabalhadores, principalmente que a mão de obra fosse mais barata. E como o contingente de trabalhadores imigrantes era muito grande, acabavam por muitas das vezes cedendo a esse trabalho exploratório, mesmo porque ficar desocupado era visto com maus olhos pela sociedade, chegando a forçar e determinar um tempo para que os mesmos se empregassem, ou seja, se ocupassem em algum serviço na

cidade. O autor ainda pontua sobre as medidas paternalistas que os patrões tentam implantar para amenizar esse conflito nessa relação trabalhador/patrão:

Agindo sempre sob o pretexto de diminuir os custos de produção, de melhoria da qualidade e de aumento nas vendas da borracha no exterior, num momento em que o contexto econômico assim o exigia, o patronato procurou pôr em prática uma estratégia de re-ordenação do Mundo do Trabalho em Manaus, re-definindo funções e transformando a relação com seus empregados numa atmosfera paternalista, visando criar laços artificiais de solidariedade que escondiam uma forma de dominação sutil e de controle mascarada pela figura do *pai-patrão* (AVELINO, 2008, p.71).

Nos escritos do autor acima é perceptível que, o interesse pela parte dos patrões em controlar os operários era muito importante para eles e para isso medidas paternalistas tomadas pelos donos das fábricas era uma tentativa de manipular os trabalhadores a executarem suas funções dentro dos prazos, essas medidas eram forjada principalmente em um discurso que enaltecia o trabalhador como fundamental para o crescimento da cidade e da economia da mesma, e desta forma tentavam fazer com que eles não organizassem nenhum tipo de confusão como motim, greve, sabotagem das máquinas, ou mesmo, manifestar algum tipo de insatisfação que pudesse levar a outros funcionários a adotar esses meios para outras reivindicações.

1.3. A MULHER NO MUNDO DO TRABALHO: PRIMEIRAS QUESTÕES.

No limiar do século XX, os rumos do mundo do trabalho atribui a mulher como um item a ser encaixado de forma lucrativa, ao mesmo tempo em que, era menosprezada pela sociedade, pois ela passa a ser alvo de críticas e pejorativos que afetará seu gênero, sua índole e moral como mulher:

A organização familiar era regida pelo modelo patriarcal centrado na figura masculina. Nesse modelo de família o pai se apresentava como chefe do lar e o responsável pelo sustento da família, e a mãe, submissa, era aquela que cuidava da casa, dos filhos e do marido, a este devendo sempre obediência. Este tipo de organização social também correspondia aos anseios da igreja e mais tarde foi apoiado pelo pensamento burguês (CAMPOS, 2010, p.55).

A autora ainda destaca sobre o papel da mulher nessa sociedade patriarcal dominadora e conservadora o seguinte:

O papel destinado à mulher na sociedade patriarcal era de alguém que possuía uma natureza determinada a certos tipos de funções e ações e de maneira nenhuma poderia ela, se fosse uma mulher “honesta e digna”, fugir ou modificar sua condição (CAMPOS, 2010, p.56).

A mulher ao adentrar ao mundo do trabalho no decorrer dos tempos foi colocada à margem, por diferir do tipo ideal de mulher que a sociedade burguesa ditava como correto para atuar na sociedade. Colocando a margem as mulheres que iam trabalhar nas fábricas por necessidades, por verem sua família que muitas vezes não tinham o que comer ou vestir, por conta da exploração que seus maridos passavam, sem receberem um salário digno para atender as suas necessidades diárias. As mulheres adentram ao mercado de trabalho substituindo muitas vezes a mão de obra masculina, por serem mais atenciosas, mais cuidadosas, por não serem facilmente levadas ao vício de bebidas ou de jogos, o qual os patrões abominavam e que a sociedade repugnava por irem ao contrário do que a mesma queria impor para todos.

A repressão ao álcool, ao fumo, aos jogos, às diversões e aos “papos” revela, por sua vez, a tentativa de negar o sentido conflitual da ação operária, desqualificada como manifestação instintiva, selvagem, descontrolada e desviante (RAGO, 2014, p.42).

No que diz respeito ao modelo ideal de mulher, ditado pela sociedade burguesa, a autora Margareth Rago destaca:

A promoção de um novo modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, e uma preocupação especial com a infância, percebida como riqueza em potencial da nação, constituíram as peças mestras deste jogo de agenciamento das relações intrafamiliares. À mulher cabia, afora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um membro da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia a dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou do desvio. Complementarmente, a criança passou a ser considerada como ser especial, que requeria todos os cuidados dos médicos, novos aliados da mãe, não obstante sua ampla utilização nas camadas pobres da população, como força de trabalho industrial (2014, p. 87).

No que podemos analisar é que com o passar dos tempos à luta das mulheres por direito ao trabalho vai sendo alcançado e esse modelo de mulher ideal que a sociedade burguesa tenta impor a todo preço, vai sendo quebrado.

Consoante Rago (2014), a invasão dos cenários urbanos pelas mulheres vai aumentando e quebrando paradigmas e tabus a qual as elas eram alvo principal, mesmo com a sociedade burguesa impondo regras de bons costumes e moral e até querendo introduzir na mulher o sentimento de pecado, por deixar seu lar para trabalhar, o que era fortemente divulgado na sociedade, conforme podemos ver nos escritos de Rago (2014). As mulheres passaram a ser alvo de todos os pejorativos possíveis, inclusive de prostitutas, por adentrarem ao mundo do trabalho. Apesar de sofrerem esses pejorativos, também podemos atribuir os maus tratos e até abusos sexuais por parte dos patrões e até dos capatazes das fábricas, a qual as mesmas eram vítimas.

A mulher se depara com um impasse, a qual terá que se adaptar. Primeiro a questão do gênero. A mulher no decorrer dos tempos passa por um turbilhão de reviravoltas em relação ao seu sexo, a mulher passa a ser minimizada por pertencer a um gênero diferente ao homem, como podemos perceber isso, já vem sendo instituído pela igreja católica há muitos anos através da bíblia, e isso vai sendo repassado e reafirmado por gerações e gerações. A mulher passa por diversos entraves onde é colocada a margem pelos próprios homens como um sexo frágil, não sabe se defender e tem que ser reservada ao lar:

Sobre elas pairavam as concepções equivocadas sobre sua natureza física, concebendo a idéia de que seu “corpo fraco, com órgãos delicados, frágeis, sujeitos a indisposições periódicas e humores instáveis” determinavam seus lugares e papéis na sociedade (CAMPOS, 2010, p.57).

O segundo ponto é justamente a questão do trabalho, onde a mulher encontra diversos obstáculos para adentrar nesse espaço que era totalmente dominado por homens. Porém, também não podemos esquecer que mesmo esse espaço sendo dominado por homens as mulheres já estava presente, como eles. Entretanto, em diferentes funções, quando elas adentram ao mundo do trabalho e competem com os homens, pelos mesmos postos, eles acabam sendo, na maioria das vezes, substituídos por elas.

O terceiro ponto é sobre a mulher como doméstica o lugar onde deveriam atuar de acordo com a sociedade burguesa. Neste sentido, ao tomar consciência de sua condição como dona de suas decisões, onde busca a reivindicação pelos seus direitos, acima de tudo como mulher, tem desta forma, a capacidade de escolher caminhos e traçar sua trajetória histórica enquanto protagonista do processo.

Ao falar nisso, podemos atribuir à mulher o feito de conseguir associar uma vida múltipla, onde consegue ser dona de casa, esposa, mãe e trabalhadora, onde consegue dar conta da educação dos filhos e da saúde também dos mesmos, consegue cuidar do marido e ainda consegue trabalhar para prover o sustento de sua família e ainda cuidar da casa, da comida, das roupas, o que nos leva a analisar a mulher como um ser que vai além das expectativas de uma sociedade preconceituosa e elitista, que quer impor um modelo ideal ou um lugar onde devem atuar.

A luta das mulheres contra esses modelos de sociedade se torna constante em busca de sua emancipação. No que diz respeito à atuação da mulher na sociedade, podemos perceber que há exceções e que muitas delas eram atuantes no processo de emancipação. Segundo Luciane Maria Dantas de Campos:

Embora com todas as limitações e adversidades, sabemos hoje que as mulheres não foram somente vítimas ou sujeitos passivos, a historiografia tem provado isso. Na verdade, elas sempre foram atuantes e utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixados ou confiados, elas elaboraram, às vezes, contra poderes que subvertiam os papéis aparentes: avós reinando sobre sua linhagem, mães abusivas, donas de casa autoritárias que controlavam seus empregados, donas de casa populares que tinham nas mãos o salário dos maridos e controlavam o seu lazer (2010, p.63).

Assim como também pontua que a mulher na historiografia se torna um sujeito ativo como protagonista de suas ações, sejam conjugais, ou administrativas, muitas das vezes tornando autoridade e liderança mesmo que dentro do lar, mostrando como seu potencial vai além das limitações da sociedade vigente e neste sentido destaca que:

A este respeito, pesquisas atuais revelam dados desmistificadores da imagem romântica da mulher. Desde o início do século XIX, por exemplo, num período em que o casamento aparecia como uma das únicas

opções de vida possíveis para as mulheres, ela foram as principais responsáveis por pedidos de anulação do matrimônio ou de divórcio. Varias substituíram os maridos ausentes ou falecidos na administração das fazendas, dos pequenos negócios e da própria casa, enfrentando todo tipo de pressões, insurgindo-se contra o pagamento de impostos, denunciando publicamente a elevação exagerada de preços de gêneros alimentícios, e assim por diante (RAGO, 2014, p.102).

No que se refere à resistência da mulher contra as regras imposta pela sociedade, podemos notar que a mesma esteve sempre atuante em questões a respeito de sua conduta, de sua moral diante da sociedade, onde tem que seguir padrões de comportamento, onde tem que seguir a risca o que a sociedade impõe, e neste sentido Margareth Rago (2014), destaca que é possível encontrar expressões das mulheres lutando contra essas imposições diante de algumas questões como podemos constatar em seus escritos:

Certamente podemos encontrar outras expressões das lutas de resistência feminina fora do campo minado da política institucional. Afinal, é sobre a questão moral que recai o maior peso da opressão sobre a mulher. A não amamentação, a prática do aborto, a contestação do papel da esposa-mãe-dona-de-casa podem ser pensadas como sinais de outro tipo de resistência social das mulheres (2014, p.102).

No que tange ao papel da mulher e ao local de atuação, a autora Luciane Campos destaca que diante da sociedade burguesa conservadora, a mulher era predestinada desde o nascimento a desempenhar um único papel, que era ser “rainha do lar”, onde já tinha as funções a serem desempenhadas, a qual seria treinada e educada desde cedo para as devidas funções, ser mãe, esposa, dona de casa, e viver em benefício do esposo e dos filhos, assim estaria executando sua função natural.

Durante séculos as mulheres tiveram papéis e lugares bem definidos dentro da sociedade em que viviam, foram vítimas de uma mentalidade conservadora e tradicional e quase sempre da sujeição masculina. Tinham uma “missão” estabelecida e seu dever era cumpri-la com esmerada dedicação e abnegação: ser esposa e mãe, funções sociais tidas como “naturais à realização da alma feminina” e extremamente valorizadas. Sendo a educação feminina destinada para este fim, as mulheres eram preparadas socialmente para desempenhar da melhor maneira possível as atribuições decorrentes do casamento, dos cuidados com a casa e principalmente com a educação dos filhos, para quem elas deveriam ser o mais perfeito dos exemplos na transmissão dos valores e da educação. Dessa forma, os erros dos filhos eram sinais de que as mães haviam falhado (2010, p. 55).

A mulher em todos os âmbitos passa por tabulações onde as rotulações sobre a mesma é constantemente reproduzida seja pelos homens, ao querer se mostrar superior, seja pela sociedade por querer impor regras de conduta, de comportamento, seja pela igreja, por pregar que a submissão da mulher ao homem desde o muito tempo e isso nos mostra o quanto ela está em constante luta para se afirmar como sujeita ativa de sua própria História dentre os mais variados lugares existentes.

No que podemos analisar a autora trás contundentes informações sobre o papel da mulher na sociedade burguesa conservadora e tradicional, onde coloca a mulher como algo que tem que ser controlado e manipulado para cumprir as regras ditadas por esta sociedade. E sobre a mulher, nota-se que recai uma responsabilidade extrema que vai desde o lar até o resultado das ações de seus filhos, assim como a educação. Então a mulher se via em uma situação onde não podia fazer suas vontades, não podia trabalhar, não tinha direitos como cidadã e ainda tinha que se reservar apenas a um lugar na sociedade que era de mulher obediente, protetora do lar e da família, sem nenhuma participação com o meio social externo.

CAPITULO II

2. MULHERES, MUNDO DO TRABALHO E MOVIMENTO OPERÁRIO NA DÉCADA DE 1980.

Escrever sobre a trajetória das mulheres no mundo do trabalho não é tarefa das mais fáceis a se desenvolver e ainda destacar sua participação no movimento operário é uma atividade que requer responsabilidade por conta de suas lutas constantes e por conta do preconceito e de sua condição diante de uma sociedade burguesa, conservadora, que busca impor um lugar e um modelo ideal de mulher para atuar na mesma, onde recaem sobre ela os mais diversos termos pejorativos, isso sem se importar em como a mesma ganhou seu espaço diante dessa sociedade e se mostrou apta o suficiente para desenvolver as atividades que lhes foram designadas. São esses tipos de reflexões que esta sociedade não está disposta a fazer para reconhecer que a mulher se tornou uma grande concorrente para os homens e uma grande força de mão de obra dentro das fábricas.

No decorrer dos tempos, a mulher foi excluída de várias maneiras em lugares diferentes, sempre sendo considerada um sexo frágil, sem capacidade de adentrar no mundo do trabalho ou ter participação autônoma no meio público, e acabava que sendo remetida ao espaço privado, como o cuidado com o lar, com os filhos e maridos, além das atividades domésticas como limpeza, costura tudo regras ditadas por uma sociedade burguesa conservadora que a todo custo queria impor um lugar determinado para as mulheres. Nesse sentido Michelle Perrot destaca em seus escritos:

O século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto. Seu racionalismo procurou definir estritamente o lugar de cada um. [...] “ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos”, diz um texto operário (1867). A lista dos “trabalhos de mulheres” é codificada e limitada. A iconografia, a pintura reproduzem à sociedade essa imagem reconfortante da mulher sentada, à sua janela ou sob a lâmpada, eterna Penélope, costurando interminavelmente (1988, p. 186-187).

A historiografia nos mostra o quanto a mulher foi excluída como participante da sociedade, e que por muitas das vezes não tinha autonomia

nenhuma para participar ou dar contribuições ao meio público. Desta forma era colocada à margem, sendo alvo de preconceitos implantados pela sociedade vigente. E é neste sentido que a autora também chama atenção, que em meio a essa sociedade conservadora, deveríamos buscar por mulheres que foram protagonistas de seu tempo, indo contra as regras, contra os princípios dessa sociedade, atuando, nos mais diversos setores onde eram totalmente dominados por homens, e desta forma ela destaca:

[...] No entanto, o que importa reencontrar são as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente como autônomas, mas criando elas mesmas o movimento da história (PERROT, 1988, p. 187).

No decorrer de sua escrita a mesma autora pontua como resgatar a História das mulheres, pois a historiografia nos mostra que a História por um considerável período foi escrita por homens que buscavam enaltecer os grandes personagens, como reis, generais, políticos, e grandes acontecimentos como batalhas e eleições entre outros. Sendo que em meio a todo esse processo as mulheres, por mais que tivessem alguma participação, acabavam que sendo excluídas pelas pessoas que escreviam a História, sendo muitas das vezes homens que não aceitavam que as mulheres estivessem adentrando em lugares que eram predominantemente dominados por eles e é nesse sentido que a autora destaca que era difícil pelo seguinte fato: “tarefa difícil, pois os mitos e as imagens recobrem essa história com uma espessa mortalha pelo desejo e pelo medo dos homens” (PERROT, 1988, p. 187).

No que diz respeito à atuação das mulheres na luta por seus direitos e por melhores condições de vida e trabalho, outra autora no traz um exemplo de como as mesmas não foram sujeitos passivos, mas sim sujeitos ativos na luta contra a implantação das máquinas desde muitos tempos antes do que se imagina e não só em um determinado lugar, mas em vários lugares pode-se notar a participação feminina nos movimentos públicos como greves, passeatas e até discursos das mesmas em busca de direitos. E nesse sentido, as autoras Maria Izilda Santos de Matos e Andrea Borelli destacam:

Apesar disso, as trabalhadoras eram tratadas, inclusive pela imprensa operária, como pessoas “frágeis e indefesas”, “passivas” e “carente de consciência política”. Na verdade, mulheres participaram ativamente das lutas operárias, atuaram em mobilizações, paralisaram as fábricas, tomaram parte em piquetes, reivindicando a redução da jornada e melhores condições de trabalho. Muitas delas reagiram frente às reduções salariais, aos maus-tratos e aos assédios constantes impingidos por mestres e patrões. Por essa atuação, chegaram a ser demitidas e taxadas de “indesejáveis”, arroladas nas “listas negras”, acusadas de roubo, sabotagem ou boicotes (2012, p. 128).

Assim, como o decorrer do tempo no Brasil, há um grande desenvolvimento do interesse das mulheres em conquistar novos horizontes e adentrar ao mercado de trabalho e isso se mostra presente na obra das autoras, onde destacam que a mulher vai além do esperado para sua emancipação e, desta forma, utiliza-se da educação e da formação escolar como meio para atingir essa emancipação, buscando se qualificar e até ultrapassar o esperado por essa sociedade conservadora, sendo que, por serem mulheres, sempre corriam o risco de serem exploradas, recebendo menos do que os homens, mesmo que desempenhassem o mesmo trabalho:

Nos estabelecimentos bancário, comerciais e de seguros, as mulheres foram incorporadas em postos na telegrafia, telefonia, contabilidade e como escriturárias, secretárias, guarda-livros, entre outros cargos burocráticos de menor status. A difusão da máquina de escrever abriu para as mulheres o promissor ofício de datilografia. Todos esses empregos demandavam preferencialmente moças solteiras (consideradas mais disponíveis), ágeis, assíduas, dóceis e submissas. Por outro lado, a necessidade de qualificação profissional levou à expansão dos cursos de Secretariado, Contabilidade e Comércio, com escolas e salas especiais para mulheres. Entretanto, conforme as mulheres que se empenhavam em melhorar sua formação profissional ocupavam, cada vez mais, os postos de trabalho nos serviços de escritórios, os salários pagos por esses serviços foram sendo rebaixados (MATOS e BORELLI, 2012, p. 135-136).

Nesse sentido, cabe mostrar que as mulheres sempre estiveram ativas no processo de luta por melhores condições de vida, de trabalho, para poderem oferecer condições melhores a sua família e por conta desse interminável dever de garantir a sobrevivência não só sua, mas de seus familiares, é que as levam a adentrarem ao mundo do trabalho e concorrer com os homens, a sofrerem vários tipos de preconceitos e abusos.

Contudo cabe mostrar que elas estão nesse processo muito antes do que muitos pensam. Sua luta é constantemente passada de umas as outras, em busca de se organizarem para conseguir suas reivindicações, sendo que até mesmo, nos sindicatos havia menosprezo e desinteresse por parte de seus próprios companheiros de trabalho, como as autoras destacam:

As grandes mobilizações de trabalhadores de diferentes setores da economia ocorridas no Brasil dos anos 1970 e 1980 culminaram na institucionalização do chamado “novo sindicalismo”, que se destacava pelas ações reivindicatórias, como aumento de salários. Entretanto, embora as mulheres participassem ativamente em todos os movimentos, elas sofriam uma evidente discriminação dentro dos sindicatos, além de verem suas demandas “específicas” ser constantemente menosprezadas pelos próprios colegas (MATTOS, BORELLI, 2012, p.144).

Nesse período em que o movimento sindical no Brasil efetivou um avanço na luta pela autonomia e liberdade dos sindicatos em relação ao Estado, onde segundo Ricardo Antunes (2007, p.156) buscava elaborar um programa de emergência para simplesmente gerir a crise do capital ou mesmo tentar avançar na elaboração de um programa econômico alternativo, formulado sob a ótica dos trabalhadores. A citação acima se remete ao Amazonas na medida em que o sindicalismo na região já era um meio para os trabalhadores se organizarem, contudo também podemos notar que as mulheres eram discriminadas pelo seu gênero pelos seus próprios companheiros que não davam muita relevância a suas causas.

2.1. A ZONA FRANCA DE MANAUS E O MERCADO DE TRABALHO NO AMAZONAS

O que devemos entender é que em todos os lugares as mulheres passaram por diversas situações que dificultaram seu acesso ao mundo do trabalho, sendo que no Brasil, ou em outros países, todas passaram por constrangimentos, por insultos a sua moral e a sua índole.

Trazendo para um lado mais delimitado no Amazonas não foi muito diferente de outros lugares, com a implantação da Zona Franca de Manaus as mulheres foram umas das principais alternativas de mão de obra do Pólo Industrial de Manaus, se tornando grandes concorrentes dos homens nesse processo de modernização da cidade.

Na década de 1950, projetos de ampliação foram pensados e desenvolvidos no país, em busca de aumentar o desenvolvimento industrial brasileiro e a ideia de integrar as localidades mais distantes e menos desocupadas habitacionalmente seriam os alvos mais contundentes desse projeto e dentre esses estavam a Amazônia, com suas riquezas e biodiversidades, sendo que o projeto da Zona Franca de Manaus só foi aprovado uma década depois.

Contudo, não podemos esquecer que o processo de integração da Amazônia ao Brasil foi desenvolvido durante o período da ditadura civil-militar, o que não deixa de ser um momento marcado por limitações, censuras, repressão, falta de liberdade e voz aos cidadãos, assim como os investimentos para a realização deste projeto iria além do capital nacional, mas dependeria do capital estrangeiro que, como sempre, foi um dos principais meios de movimentação da economia em nosso país, como a autores Jacob Carlos Lima e Maria Izabel Medeiros Valle destaca:

Delineado na década de 1950, em pleno período de aceleração do desenvolvimento industrial brasileiro, o projeto ZFM ganhou concretude na década seguinte sob o impulso do “Brasil Grande” projetado pelos governos militares. No entanto, a sua viabilidade econômica, assim como a dos demais projetos destinados à região, exigiu investimentos não só do poder público, mas, sobretudo, do capital privado de origem estrangeira (2013, p.5).

Buscando entrelaçar a visão de Barbosa, onde a mesma destaca pontos relevantes sobre a Zona Franca de Manaus, principalmente no que tange aos incentivos fiscais, onde a autora pontua que foram vários previstos no Decreto Lei 288, dentre os quais estavam:

[...] Isenção de Imposto sobre Produto Industrializado (IPI); isenção ou redução de Imposto de Importação (I.I); conforme o índice de nacionalização e depois do acordo com o processo produtivo básico; isenção do imposto de exportação; isenção do imposto sobre serviços; redução do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM – depois transformado no atual ICMS) (2007, p. 55).

E a mesma ainda pontua o rápido retorno das empresas frente à proposta sobre os incentivos fiscais:

Com o início da Zona Franca de Manaus, em 1967, a capital do Amazonas rompeu mais de 50 anos de estagnação econômica. Os

investidores do setor industrial responderam rapidamente aos incentivos fiscais, transformando a cidade de Manaus em importante centro de compras e alavancando os demais segmentos do setor terciário, com destaque para o turismo ecológico (BARBOSA, 2007, p. 54).

É esse processo modernização e de desenvolvimento do Amazonas que nos permite analisar os investimentos deslocados para região, onde recebeu um grande contingente de pessoas, de empresas nacionais e estrangeiras, que permitiram e deram ênfase à emergência de uma nova divisão de trabalho para a localidade, assim como a expansão do capital estrangeiro na região. Neste sentido que autora também destaca os seguintes pontos:

A mobilidade do capital é acompanhada pela mobilidade da força de trabalho em busca de empregos e melhores condições de vida. A instalação das fábricas de empresas globais nos novos espaços produtivos faz surgir novas conglomerações operárias, mas com características distintas daquelas que moldaram o capitalismo industrial, o conflito de classes e a organização operária. No geral, são fábricas enxutas, com formas de gestão ou tecnologias poupadoras de mão de obra, que utilizam força de trabalho sem experiência urbano-industrial e formas de assalariamento diversas, além de redes de terceirização distribuídas por diversos países nos quais a precarização das relações de trabalho constitui a tônica dominante. Imigrantes e migrantes compõem uma força de trabalho cada vez mais móvel, cada vez mais itinerante, na busca permanente por um emprego. Esses trabalhadores utilizam-se de redes sociais que lhes propiciam informações e acolhida nos novos territórios da produção e do trabalho, nos quais, a instabilidade de permanência, das condições de trabalho, da expectativa de mudança para um local diferente em termos de regiões e países dão a configuração de uma nova precariedade. Essa precariedade, que deve ser relativizada nos diversos espaços por questões de ordem histórica, política e econômica, está presente nos gargalos da produção que exige trabalho intensivo com grandes variações, conforme o tipo da produção (LIMA e VALLE, 2013, p.2-3).

A Zona Franca de Manaus torna-se um ponto atrativo para as diversas famílias amazonenses e demais grupos que moram na cidade e que pretendiam melhorar suas condições de vida. A Zona Franca passa a ser alvo dos deslocamentos de famílias, tanto do interior da cidade como de outras regiões, em um constante interesse em conseguir trabalho para a subsistência das mesmas, o que justificava o crescente aumento da população. É nesse cenário que se pode localizar a participação feminina adentrando as fábricas no Amazonas:

Mediante esse “aparente” paraíso fiscal, faltavam os recursos humanos, mas eles vieram. Chegaram dos mais distantes municípios e localidades. [...] chegaram, a princípio, aos poucos. Um pouco tímidos e depois vinham em massa. Passavam um período curto na cidade em casa de parentes e amigos e em curtíssimo prazo estavam trabalhando no Pólo Industrial. [...] o acesso era fácil, bastava ter boa saúde e saber fazer as quatro operações: subtrair, somar, dividir e multiplicar. A chegada dos interioranos, adicionada à vinda dos sulistas, provocou um aumento populacional significativo em duas décadas e meia (BARBOSA, 2007, p. 56-57).

Nesse contexto de inserção das mulheres ao mundo do trabalho no Amazonas e seu anseio por mudança de condição de vida, a autora Patrícia Rodrigues da Silva complementa com o seguinte:

Como já foi salientado anteriormente, Manaus, principalmente a partir da segunda metade da década de 1970, se apresenta enquanto um espaço bastante promissor uma vez que, a efetivação da Zona Franca àquela época, dinamizava sobremaneira a economia regional e assim, necessitava de grande disponibilidade de força-de-trabalho, tornando-a assim, barata. Ao mesmo tempo incentivava-se a criação de um mercado consumidor interno para o consumo dos produtos fabricados. (2014, p.177).

O que não se pode negar é apesar de as mulheres conseguirem se inserir no mercado de trabalho no Amazonas, o preconceito e as dificuldades não diminuiram. Outra questão que podemos levantar sobre elas, está ligada em compreender a situação delas diante do processo emancipatório, começando, em entender o motivo que as levaram a se deslocar de suas cidades para trabalhar no Pólo Industrial.

Ao analisar podemos perceber que as mesmas principalmente do interior se deslocavam para Manaus em busca de mudança de vida, de melhores condições de moradia, melhores condições de renda que desse para garantir a subsistência de sua família, almejando um futuro melhor, sendo que em muitas das vezes elas davam sempre prioridade ao trabalho do que ao estudo, mesmo porque não tinha como conciliar devido à jornada excessiva de trabalho nas fábricas. Nesse contexto a autora também destaca o seguinte:

Neste sentido, a “transformação” de ribeirinhos em operários fabris se tornava importante e houve sem dúvida, grande incentivo para isso. Entretanto, é preciso compreender que as motivações e anseios presentes na decisão de mudar, os caminhos trilhados a partir dessa decisão de dar início a uma nova vida, passa fundamentalmente pelas

subjetividades angariadas nas vivências e experiências dessas mulheres (SILVA, 2014, p. 177-178).

As pessoas que vieram do interior para a cidade de Manaus em busca de trabalho, principalmente as mulheres almejavam mudanças no modo de vida, buscavam melhorias como, verem seus filhos estudarem, terem atendimento médico, conseguirem melhores condições de alimentação, moradia e outras necessidades como vestir, calçar, no mais das vezes levá-los a terem uma vida diferente das suas, lhes dando condições através do estudo para uma possível mudança de vida.

2.2. AS GREVES DA DÉCADA DE 1980 NA REGIÃO.

Na década de 1980, o processo de industrialização no Amazonas já era consideravelmente desenvolvido e estruturado, assim como sua população que teve um crescimento considerável por conta da implantação das indústrias na região, que se tornou um atrativo para os moradores do Estado e de outras localidades, de locomoção principalmente para a cidade de Manaus. Depois da decadência e crise gomífera na região, os moradores, principalmente dos interiores, que atuavam nos seringais, ficaram sem atividades remuneráveis para sua subsistência, sendo que sobreviviam de caça, pesca e algumas atividades agrícolas. Portanto, com a implantação do Pólo Industrial na região, os moradores de suas redondezas tiveram uma esperança e uma alternativa de trabalho, almejando melhores condições de vida para sua família.

O Pólo Industrial de Manaus se tornou um ponto atrativo para todas as pessoas que estavam desempregadas e que procuravam melhores condições de vida, de trabalho, de moradia, o que proporcionou um grande deslocamento de pessoas do interior e de outras localidades para a cidade em busca de uma vaga de emprego nas fábricas instaladas no Pólo Industrial.

Com os crescentes números de trabalhadores dentro das fábricas e com condições de trabalho exploratórias e exaustivas, houve por parte dos trabalhadores, a necessidade de se organizarem como classe trabalhadora e como cidadãos em busca de melhores condições de trabalho, o que os levou a se espelharem em sindicatos de outras regiões com o propósito de poderem, através

dos mesmos, reivindicarem, juntamente aos patrões, condições melhores como melhores salários, redução de carga horária, uma alimentação adequada, auxílio maternidade, entre outros benefícios que seriam essenciais a suas famílias.

Nesse contexto de organização dos operários, começa a perceber o tamanho da força de união dentro das fábricas e os artífices que os mesmos possuíam para conseguirem negociar melhorias junto aos patrões, é quando começam as primeiras greves, as primeiras paralisações, os primeiros boicotes, sabotagens, que os levavam a tomar consciência do poder que tinham em mãos e, o que é impressionante também, o compromisso com a causa, que levou todos os operários se unirem e lutarem por um único objetivo o que é bem o que se pode destacar ao parafrasear o que Thompsom (1987) cita em seus escritos que não se trata de classes, mas sim de classe, pois classes são quando há uma classe de tecelões em um lugar e uma classe de ferreiro em outro, classe é quando todos se unem para lutar por um mesmo objetivo e isso é o que os operários do Pólo Industrial de Manaus fizeram, se uniram e lutaram por um único objetivo que era reivindicar e conseguir melhores condições de vida e de trabalho junto aos patrões das fábricas onde trabalhavam.

Uma das greves que mais teve repercussão na década de 1980 pode-se dizer que foi a greve dos metalúrgicos em 1985, que foi articulada de forma bem organizada e com grande participação e compromisso dos operários do Pólo Industrial de Manaus, que foi se desenvolvendo dentro das fábricas sem que os patrões desconfiassem por mais que depois de um tempo acabariam sabendo, o que não desmotivava suas causas. Como a Maria Celia Santiago destaca em suas transcrições dos depoimentos dos operários participantes da greve:

O depoimento de Isabel Guimarães, assim como o de Gorete Barbosa visto anteriormente, nos mostra que para estes trabalhadores a causa estava acima das suas vidas pessoais e até mesmo os períodos que deveriam ser destinados ao lazer acabavam sendo utilizados para o estudo da realidade e as formas de luta que poderiam ser desenvolvidas para mudar esta realidade. A rotina da maioria deles era da fábrica para as reuniões, seminários e encontros. Nos finais de semana participavam de “retiros” que eram encontros promovidos para discussões sobre conjuntura nacional e internacional, que contavam com a participação de lideranças nacionais (2010, p.113).

É notável que a organização dos operários do Pólo Industrial de Manaus teve grande amparo e a participação da Igreja Católica através do Grupo de Jovens e da Pastoral Operaria instalada em Manaus em 1979, que foi decisiva para a divulgação das reuniões dos operários, pois como Santiago (2010) pontua que todo processo de mobilização dos trabalhadores para a greve de 1985 nas indústrias da Zona Franca de Manaus se deu na clandestinidade. O que a autora destaca é que tinha que ser desta forma e só podia ser desta forma, pois a pressão sobre os mesmos era forte, pois eram vigiados rigidamente sobre as reuniões e os que eram pegos eram demitidos por justa causa ou trocados de setor, seus nomes iam parar em listas negras o que dificultava nova oportunidade de um novo emprego no Pólo Industrial de Manaus. Como Maria Celia Santiago destaca em seus escritos sobre os depoimentos dos operários da época:

O próprio Ricardo Moraes reconhece que ingenuamente num primeiro momento se expôs, acreditando que poderia solucionar os problemas com o diálogo com os administradores das empresas. Ele acreditava que se levassem os problemas para as chefias eles seriam resolvidos. Logo percebeu que não era tão simples assim, começou então a participar do sindicato e acabou demitido. A demissão da Sharp lhe mostrou – e às demais lideranças - que o caminho era outro. Era preciso mobilizar os trabalhadores para o enfrentamento, porque nenhuma conquista viria enquanto os operários não estivessem organizados. E como o aprendizado se dá na luta ele e os outros trabalhadores envolvidos no processo aprenderam que o caminho era a clandestinidade. Foi com esta nova forma de organizar-se que este grupo de metalúrgicos de Manaus conseguiu conquistar a direção de sua entidade e depois fazer a greve geral, que mudou a história do sindicalismo no Amazonas e colocou os trabalhadores locais nas manchetes dos jornais, inclusive dos grandes centros (2010, p.129).

Como podemos analisar em outro escrito da autora, nota-se que a mobilização foi organizada e expandiu para fora da fábrica, onde recebeu apoio de outros companheiros de outras fábricas que se identificavam com a causa dos companheiros e eles fizeram todos tomarem conhecimento das condições a qual eram submetidos a trabalhar no Pólo Industrial de Manaus e, nesse sentido, pontua o seguinte:

O trabalho de mobilização dentro e fora das fábricas foi intensificado em 1985, já no mês de março, quando aconteceu a campanha de sindicalização cujo título foi “Metalúrgicos e Eletrônicos é hora de engrenar!”. No impresso de quatro páginas datado de março de 1985, distribuído nas portas das fábricas, o discurso era forte e retratava a realidade vivida pelos operários amazonenses. Na capa frases

retratando a realidade dos trabalhadores mostravam qual seria o rumo da luta dali pra frente (2010, p.148).

Neste sentido podemos notar que a mobilização dos metalúrgicos em 1985 se mostrava forte diante de qualquer tentativa que os patrões tinham de acabar com a greve, e também podemos perceber o quanto os trabalhadores se uniram para lutar pelos seus ideais. Segundo Santiago (2010) a luta dos operários tinha como objetivo “estudar os problemas da categoria, unir e organizar os companheiros, defender os direitos e conquistar as novas vantagens para todos os trabalhadores”, os mesmos se conscientizaram que era necessário se organizarem para conseguirem melhorias para todos o que foi fundamental na greve.

2.3. AS MULHERES OPERÁRIAS E SEUS MOVIMENTOS: CONSTRUINDO ESPAÇOS E FOMENTANDO A LUTA OPERÁRIA.

No final do século XX, foi possível analisar a presença feminina se destacando no mundo do trabalho seja no mundo, no país, nos Estados, inclusive na Amazônia. Diante de todos os obstáculos, podemos notar que as mulheres se mostraram capazes de adentrarem ao mercado de trabalho e concorrerem de igual com os homens, sendo que com um peso a mais, pois sobre elas recaiam os preconceitos de uma sociedade burguesa, elitista, que de toda forma tenta reger regras para as minorias.

Contudo, a historiografia nos mostra que desde o século anterior a mulher já se mostrava consciente do lugar onde queria chegar, foram lutas e mais lutas pelo direito de se vestir, de trabalhar, de se casar com quem quisesse, de participar do meio público, participar da política com o direito de votar, de ir às reuniões, de estudar, pelo divórcio, pelo anticoncepcional, pelo aborto, entre outras lutas que foram travadas com vitórias e derrotas, mais nunca desistiram de buscar e reivindicar por melhorias para sua condição como mulher.

Muitas delas se tornaram lideranças e protagonizaram dentro órgãos, instituições e fábricas, movimentos das mesmas como podem observar na obra de Maria Celia Santiago a qual resgata depoimentos de vários operários e operárias que participaram da greve geral dos metalúrgicos no Amazonas e

dentre os depoimentos podemos notar a grande participação das mulheres como Luzarina Varela, Gorete Barbosa, Izabel Guimaraes, Flavia Carneiro, Cely Aquino Nogueira, entre outras que servem de exemplo para muitas outras de como as mulheres ao se organizarem podem ir muito além das limitações que impõem para elas.

No que diz respeito à inserção da mulher ao mundo do trabalho em Manaus, pode-se dizer que na transição de um século para outro, a mulher manauara conseguiu adentrar aos espaços de trabalho através de alguns fatores, alguns dos quais a autora Luciane Maria Dantas de Campos relata em sua obra que vai do desenvolvimento da cidade através do comércio do látex até a busca pelas mulheres por instrução educacional, onde conseguem formação e chegam a exercer profissões que antes eram exercidas apenas por homens na região, o que nos permite analisar e entender como as mesmas no Amazonas conseguiram chegar ao ponto de se organizarem e irem à luta e conseguirem melhorias para sua categoria em uma sociedade preconceituosa, e neste sentido, a autora pontua o seguinte:

Em Manaus, na virada do século XIX para o XX, alguns fatores vão permitir e propiciar o ingresso mais efetivo das mulheres no espaço público. Um primeiro fator seria o intenso desenvolvimento da cidade, consequência da economia do látex, que ampliou as ofertas de trabalho tanto para os homens como também para o sexo feminino. Este também foi um período em que houve uma crescente valorização da mulher na sociedade burguesa e o contágio das ideias de emancipação feminina fruto do movimento feminista, o que possibilitou para as mulheres locais tentar seguir os passos daquelas que rompendo barreiras e preconceitos conseguiram atingir seus objetivos seja através do estudo, seja através do trabalho. Por esses fatores as mulheres manauaras saíram em maior número para a vida pública, contudo, de formas distintas: mulheres populares que aliaram necessidade e oportunidade e passaram a exercer uma série de atividades novas surgidas com o desenvolvimento da cidade como camareiras de hotéis, operárias, secretárias, vendedoras de lojas, operárias de fábricas (principalmente de beneficiamento de castanha e borracha), além de exercer de forma mais intensa as já tradicionais atividades como doceiras, babás, cozinheiras, lavadeiras, arrumadeiras e passadeiras – estes últimos, “contratadas tanto por particulares, como também pelos proprietários de bares, restaurantes, pensões e hotéis da cidade cujo número crescia acentuadamente” e mulheres das classes mais abastadas influenciadas pelo ideal feminista de emancipação, que, vendo a oportunidade de continuarem a sua instrução educacional até a formação superior, as fizeram e atrelaram a instrução com o trabalho, passando a exercer em maior número a profissão de professoras e inclusive profissões até então eminentemente masculinas, pelo menos em Manaus, como Odontologia, Farmácia, Direito entre outras (CAMPOS, 2010, p. 51-52).

O que se pode afirmar é que as mulheres trabalharam em todas as épocas na História e é este fato segundo Campos (2010) que tem movimentado a historiografia da mulher. E remetendo ao Amazonas, o desenvolvimento da cidade e a implantação da Zona Franca de Manaus proporcionou as mulheres trabalhos que variam das camareiras de hotéis às operárias das fábricas instaladas na região. A busca pela regulamentação e reconhecimento de seu trabalho no mundo do trabalho vai ganhando destaque com os trabalhos oferecidos nas linhas de montagem onde a delicadeza e atenção que as mesmas possuíam se tornou imprescindíveis aos setores.

Nascia no Amazonas o sujeito político feminino caracterizado pela combatividade, independência, força e ideal de transformação de sua realidade. [...] Aqui não está em jogo conquistar o direito de participação no campo da política instituída pelas classes dominantes, mas de batalhar pelo crescimento pessoal, completo e integral. Acredita-se numa transformação radical das relações patriarcais que só será possível numa outra organização de sociedade, mais justa e igualitária. Nos grupos de fábrica da CCE, Gradiente, Sharp e Evadin, a maioria eram mulheres (REIS FILHO, 2013, p. 64).

É plausível descrever o quanto as mulheres foram imprescindíveis para a fomentação da luta operária no Amazonas, sendo como participante ativa diretamente ligada aos sindicatos ou como simpatizante das causas defendidas pelas mesmas, as mulheres só conseguem reivindicar melhorias para sua condição quanto trabalhadora, com a tomada de consciência de que ao se organizarem podem conseguir tais melhorias.

Milton dos Santos Reis Filho (2013) destaca, em sua obra, um depoimento da operária Luzarina Varella que fala: “As mulheres sempre lideravam os grupos de fábrica porque emergiam como lideranças. O papel delas foi muito aplaudido. Mas isso não deu a elas o direito de assumirem a direção do sindicato” (Luzarina Varella, entrevista/2011 *Apud* Reis Filho, 2013, p. 64).

Nesse contexto, temos vários exemplos de mulheres que conseguem liderar dentro das fábricas. Como a própria Luzarina Varella, a Cely Aquino Nogueira, entre outras, protagonizaram juntamente com os demais para conseguirem seus ideais como operárias do Pólo Industrial de Manaus, o que põem em clara evidência o destaque feminino na sua emancipação e na tomada de consciência se afirmando como parte da classe operária amazonense.

Através dos avanços que as mulheres obtiveram no decorrer de sua luta, proporcionou a elas a abertura do mundo do trabalho em diversos setores, as mulheres se inseriram em diversos lugares e chegaram a liderança de vários segmentos como Reis Filho (2013) destaca em uma de suas entrevistas com uma das operárias que chegou a liderar na qual pontua que: “As mulheres surgiram na direção do sindicato, dos partidos políticos, construíram suas próprias agendas. Eu não fui dirigente. Mas as mulheres que participaram da direção têm muito a contar, muitas mágoas da falta de compreensão dos homens” (Flávia Carneiro, entrevista/2011 *Apud* Reis Filho, 2013, p. 66).

No que tange a questão de gênero dentro do Pólo Industrial de Manaus, pode-se dizer que as mulheres sempre estiveram em constantes lutas não só com os patrões, mas com os próprios companheiros de trabalho em busca de reconhecimento, pelo fato de haverem regras, limitações, preconceitos, incompreensões e falta de respeito com as mulheres nas fábricas, o que de certa forma não deixava fluir o diálogo sobre interesses entre homens e mulheres e, desta forma, dificultando o relacionamento dos mesmos, dentro das fábricas, o que esclarece as tentativas frustradas por parte das mulheres em ser compreendida e ouvida. Neste sentido o autor destaca o seguinte:

O gênero torna-se uma maneira de indicar as construções sociais, a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. Esta tentativa de conceber os diferentes papéis de homens e mulheres na sua especificidade limitativa resultou em constantes diálogos em favor da equidade de gênero. Isto demonstra as incansáveis tentativas de libertação das mulheres da sua condição subsidiária e sua invisibilidade no contexto de suas atividades no Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos em Manaus (REIS FILHO, 2013, p.66).

A questão de gênero contribuiu para que se tornasse possível uma pluralidade de temas e sujeitos no decorrer da história, e desta forma se torna possível o resgate da história de sujeitos que foram esquecidos, deixados à margem da historiografia. A discussão sobre gênero nos permite abordar questões entre o privado e o público, onde há essa delimitação de espaço para os sexos, onde há funções e papéis delimitados, onde há uma representação de família e lar padrão, associados ao que é cabível à mulher e ao que é cabível ao

homem como se fosse extremamente correto que cada um tenha seu lugar para atuar.

A autora Joan Scott (1992), destaca e faz ponderações importantes sobre a história das mulheres e sobre como ela contribuiu para a escrita da mesma, neste sentido a mesma pontua o seguinte:

Esses relatos situam a origem do campo na década de 60, quando as ativistas feministas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação. [...] Ampliou seu campo de questionamentos, documentando todos os aspectos da vida das mulheres no passado, e dessa forma adquiriu uma energia própria. [...] No espaço aberto pelo recrutamento de mulheres, o feminismo logo apareceu para reivindicar mais recursos para as mulheres e para denunciar a persistência da desigualdade (1992, p.64 - 69).

No que diz respeito à análise da História das mulheres e sua contribuição nos diversos meios sociais, podemos notar que ela no decorrer da mesma, contribuiu no processo de construção de sua história. Assim como o movimento feminista se torna um artífice de luta para elas se organizarem quanto gênero. Seguindo os escritos da autora, que pontua a atuação da mulher no movimento feminista que lutava por melhorias para as mesmas:

E interessante (a luz das discussões teóricas subsequentes) que a atuação das mulheres foi aqui presumida; como opção espontânea, atores racionais, as mulheres eram chamadas para se inserirem em profissões que previamente as havia excluído ou subutilizado (SCOTT, 1992, p.69).

A mesma destaca algumas das reivindicações das mulheres neste movimento, e pontua o seguinte:

Essas incluíam maior representação nas associações e nas reuniões de intelectuais, atenção às diferenças salariais entre homens e mulheres e um fim a discriminação nos contratos, nos títulos e nas promoções (SCOTT, 1992, p. 69).

Diante dos escritos da autora, é notável que a história das mulheres é indispensável para uma compreensão maior de sua trajetória na mesma, não por serem mulheres, ou, gênero, mais por serem sujeitas históricas, por serem personagem que têm muito a contribuir para a historiografia, neste sentido a autora pontua o seguinte:

As mulheres estão ao mesmo tempo adicionadas a história e provocam sua reescrita; elas proporcionam algo extra e são necessárias a complementação, são supérfluas e indispensáveis (SCOTT, 1992, p.76).

É notório que a preocupação em resgatar as experiências de personagens que alcançaram o protagonismo em constantes dificuldades, nos leva a analisar o constante processo de construção e desconstrução de conhecimento, onde se faz analisar que a história nunca está pronta e acabada e que tem muito que se desvendar, como a história das mulheres, assim como de outros personagens que se encontram silenciados pela história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção ao nos dedicarmos em conhecer melhor como se deu o processo de inserção da mulher no mundo do trabalho no Amazonas, trouxe-nos respostas consideravelmente pertinentes para compreendermos o processo e ao mesmo tempo nos mostra o quão importante é para a historiografia e para o trabalhador ter sua História resgatada a partir de pesquisas voltadas para área, dando ênfase para sujeitos que tiveram sua História negada e esquecida por conta de preconceito ou enaltecimento apenas de uma parte da sociedade, negando a participação e a importância desses sujeitos para a construção do desenvolvimento do Estado do Amazonas.

Segundo Teles (2015), a falta de reconhecimento da importância e da valorização do braço operário no Amazonas para a construção de riquezas era notória, principalmente por parte dos grupos dirigentes como os donos das fábricas, e de outros setores empregatícios, o que nos permite perceber que por outro lado, numa visão mais próxima dos grupos e da sociedade dominante, o que se tem é a ideia de trabalho como regenerador da moral, dos bons costumes, como o remédio dos vícios e maus comportamentos e como elemento produtor de riquezas para a sociedade em geral.

Como é possível perceber, a mulher desde muito tempo no decorrer da História teve grande dificuldade para ter seus direitos de igualdade reconhecidos e aceito pela sociedade vigente. No que diz respeito às questões de gênero, a mulher sempre foi tida como inferior aos homens, sem direito a nenhuma defesa por igualdade ou reconhecimento de seus direitos perante a sociedade. Contudo, no decorrer do tempo, a mulher se mostrou ativa como protagonista na luta em busca de seus direitos, seja de voto, pela inserção ao mundo do trabalho, no meio público e político, pela não violência e abusos, seja familiar ou no trabalho. No que diz respeito a questões de gênero.

Segundo Teles (2014), a categoria gênero acabou possibilitando encaminhar análises, discussões e novos estudos acerca do caráter relacional entre homens e mulheres, destacando e relevando aspectos que se tornaram fundamental para compreender o caráter social e cultural das distinções baseadas no sexo, desnaturalizando e iluminando o seu caráter de construção histórica

permeada por relações de poder e mostrando que ambos têm suas contribuições para a sociedade.

Neste interim, é possível perceber que a mulher se mostrou muito mais ativa do que se imagina, a ponto de conseguir feitos impensáveis pelos homens e pela sociedade vigente. A mulher consegue associar uma vida dinâmica com dupla e até tripla jornada de trabalho, onde é mãe, esposa e trabalhadora do PIM dentro da ZFM, que só mostra como a mulher está mais do que apta para adentrar ao mundo do trabalho.

As mulheres que trabalham no PIM são moradoras da própria região principalmente dos municípios do interior, em muitas das vezes pessoas que vem de outras regiões em busca de melhorar de vida. As mulheres ao adentrar no mundo do trabalho no Amazonas, tiveram enormes dificuldades como em outros lugares no mundo, porém, as mulheres ocuparam os mais diversos cargos como, camareiras, guarda-livros, operárias, costureiras, lavadeiras, balconistas, recepcionistas, secretárias, professoras, médicas, enfermeiras, entre outras profissões no decorrer dos tempos no Amazonas e a historiografia nos mostra isto com evidências.

As mulheres tiveram grande participação nas greves da década de 80, principalmente na greve dos metalúrgicos, onde desde o início foram protagonistas dentro do sindicato, da fábrica como informante, e muitas delas chegaram a serem lideranças significativas que deram um significado a mais para sua contribuição na luta por melhores condições de trabalho e de vida.

Ao analisar as condições de trabalho dos operários pode-se constatar que eram desumanas no sentido que a alimentação era péssima, jornadas excessivas que passavam de 10, 14 horas de trabalho, curto tempo para suas necessidades fisiológicas, salários muito baixos que era desigual aos dos homens por mais que exercesse a mesma função, além das punições e demissões constantes principalmente por conta das greves.

Por fim cabe destaca também as demais dificuldades que se encontrou ao abordar a História do operariado no Amazonas, dentre elas para resgatar a História das mulheres no mundo do trabalho na região.

De acordo Teles (2015) a manifestação da cultura operária no Amazonas e em outros lugares possibilita atingir o universo tenso e conflituoso do trabalho,

onde há várias tensões e desafios, neste sentido é que surgiu um mundo onde os conflitos, os embates e as contradições se fazem presentes constantemente. Mundo este que durante alguns anos foi ocultado por uma escrita da história tradicional que se preocupava em identificar datas, fatos e acontecimentos ligados à esfera política bem como em dar destaque a alguns personagens que atuavam nela, deixando de lado propositalmente a história de pessoas que também tinham suas contribuições, colaborações que enriqueceria a historiografia de fatos, levando-nos a melhor compreensão da mesma, na medida em que, não estaríamos sujeito apenas uma limitação de olhares sobre a mesma.

Apesar de todos os impasses e dificuldades para que a pesquisa se tornasse realidade, pode-se dizer que o presente estudo, com seu espaço, sua temporalidade e recorte especificam, procurou contribuir neste sentido, sendo que ainda tem muito que ser pesquisado e estudado sobre o tema e outras questões que possam nortear outros trabalhos. Além do mais, se faz extremamente necessário o avanço de novas pesquisas sobre esta década ou sobre períodos anteriores e posteriores a este, com o objetivo de resgatar, desvendar e construir a História do Operariado Amazonense.

REFERÊNCIAS

- AVELINO, Alexandre Nogueira. **O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho: A Revista da Associação Comercial e as Representações Acerca do Trabalho no Amazonas (1908-1919)** / Alexandre Nogueira Avelino. Manaus: [s.n.], 2008, 161p.
- ANTUNES, Ricardo, 1953. **Adeus ao Trabalho: Ensaio Sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. 12- ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- BARBOSA, Irecê. **Chão de Fábrica – Ser Mulher Operaria no Pólo Industrial de Manaus**. Editora Valer, 2007.
- CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. **Trabalho e Emancipação: um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890–1940)**. Dissertação de Mestrado em Historia. Manaus: UFAM, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. **Política Cultural, cultura política e patrimônio histórico. In: O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/ Departamento do Patrimônio Histórico, 1992, p. 37-46
- HARDMAN, Foot. LEONARDI, Victor. **Historia da Indústria e do Trabalho no Brasil**. 1ª edição. São Paulo, 1982.
- HILL, Christopher, 1912. **O Mundo de Ponta-Cabeça: Ideias Radicais Durante a Revolução Inglesa de 1640** — São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- LIMA, J. C. ; VALLE, M. I. M. . **Espaços da globalização: Manaus e as fábricas na Amazônia**. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 3, p. 73-88, 2013.
- MATOS, Maria Izilda. BORELLI, Andrea. **Espaço Feminino no Mercado Produtivo**. In: PINSKY, PEDRO (org). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- PRAIA, Benta Litaiff. **Dimensões do Trabalho Feminino: Outras Imagens da Manaus da Borracha**. In: PINEIRO (org) *Gênero e Imprensa na História do Amazonas*. Manaus: EDUA, 2014.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, Mulheres e Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RAGO, Margareth, 1948. **Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil (1891–1930)**. 4. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2014.

REIS FILHO, Milton Melo dos. **Memória do operariado amazonense: a festa como constructo e expressão da subjetividade operária** / Milton Melo dos Reis Filho. - Manaus: UFAM, 2013.

SCOTT, Joan. **História das mulheres** Peter Burke (org.) *A Escrita a história: novas perspectivas*; São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. - (Biblioteca básica)

SANTIAGO, Maria Célia. **Clandestinidade e Mobilização nas Linhas de Montagem: A construção da greve dos metalúrgicos de 1985, em Manaus**. [s.n.], 2010, 293p.

SILVA, Patrícia Rodrigues da. “**A Gente vê a Cidade Assim**”: **Memórias de Mulheres Interioranas em Manaus** . In: PINEIRO (org) *Gênero e Imprensa na História do Amazonas*. Manaus: EDUA, 2014.

TELES, Luciano Everton Costa. **Mundos do Trabalho e Imprensa: a vida operária em Manaus na Década de 1920**. Manaus: UEA Edições, 2015. 194 p.: il.; 21 cm

_____. **Gênero e Imprensa Operaria: O Jornal Vida Operaria (1920)**. In: PINEIRO (org) *Gênero e Imprensa na História do Amazonas*. Manaus: EDUA, 2014.

THOMPSON, Edward Palmer. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. **A Formação da Classe Operaria Inglesa**